

Herbert Read

Capitulo I - A Finalidade da educação

- 1 - A tese
- 2 - As duas Hipóteses
- 3 - Uma definição preliminar
- 4 - Sumário

4a. Sumário

Conclui-se que a finalidade da educação é ajudar o desenvolvimento da individualidade de cada ser humano, harmonizando-o ao mesmo tempo no grupo social a que pertence. Será demonstrado nas paginas que se seguem que neste processo a educação estética é fundamental. Tal educação estetica tem os seguintes objetivos:

- 1- A preservação da intencidade natural de todos os modos de percepção e de sensação.
- 2- A coordenação destes modos de percepção uns com os outros em relação ao meio.
- 3- Exteriorização de sentimentos em formas compreensíveis.
- 4- Expreção e comunicação de experiencias mentais q. de outro modo ficariam parcial ou inteiramente despercebidas.
- 5- Expreção do pensamento na forma adequada.

Estas varias formas de expreção ficam esclarecidas e destacadas do modo pelo qual as enumeradas, mas a tecnica da educação estetica apresenta os seguintes aspectos dif:

- | | |
|----------------------------------|----------------|
| A- Educação visual- OLHO | } Desenho |
| B- EDUCAÇÃO plastica-TACTO | |
| C- Educação musical OUVIDO--> | Musica |
| D- Educação dinamica, musculos-> | Dansa |
| E- " verbal Lingua-> | Poesia e Drama |
| F- " construtiva, Pensamento- | Habilidade |

Na pratica é dificil separar a experiênciavivual da **plastica**: ambas se desenvolvem na mesma compreensão do mundo especial externo e podem se conter no termo desenho. Dança e música também tem funções afins, e, naturalmente, cada uma destas categorias apresenta várias fases e relações (dança com drama p. ex. e desenho c. habilidd.) mas é possível reagrupa estas técnicas de educação estética de modo q. elas se correspondam, tradicionalm. as 4 atividades de nossa mente correspondam, 4 atividids. artisticas:

- 1-Desenho —————> Sensação

Metodologia del Dibujo
Mue Medina Bravo

Dra. Betti Katzenstein
Deseulio e Deseuolennif
Separata da Rev. do Arquivo
nº CI

Departam. de cultura. Paulo - 1978

- 2- Música e dança → Intuição
 3- Poesia e drama → Sentimento
 4- Habilidade. → Pensamento

Esta é uma classificação formal e descritiva.

A utilidade de seu uso evidenciou-se pela grande ajuda que nos prestou para acumular fatos e observações no curso de nosso inquerito.

Acrecentarei aqui uma definição de arte, porque tenho encontrado um falso e inadequado uso deste termo, ao qual se deve toda confusão lançada sobre a teoria de Platão, para a educação. E se por séculos Platão foi confundido, eu não poderei ser bem sucedido sem algumas explicações preliminares, para que minha modesta exposição mesmo ideal seja aceita com a maior boa vontade. Dada esta definição passarei a um exame dos processos básicos evoluídos igualmente em parte e educação como percepção e imaginação. Apresentando minha tese sobre um assunto como percepção ou relação de assunto com o consciente não me posso apresentar aos cientistas com os fatos ilusórios ou superficiais. Tal é a acusação inevitável a todos os que, para estabelecer "valores" entram no mundo dos fatos. Meu único ponto de partida é a sensibilidade estética, um ponto de partida não muito diverso da própria percepção, e não ficando na minha experiência subsequente, talvez, a + trabalhosa do mundo, encontrei este elemento sem importância. Para estabelecer sua validade na esfera,

6- Os estágios do desenvolvimento do desenho das crianças.

Tomamos, como o + esquemático, o sumário de Cyril Burt sobre teoria, em seu "Testes Mentais e Escolares", são os seguintes:

1- Garatuja (2 a 5 anos, culminando aos 3) sub-dividido em:

a) Traços involuntários - movimento puramente muscular do ombro, usualmente na direção da direita para a esquerda

b) Traços voluntários - a garatuja é o centro de atenção e as vezes ganha um nome.

c) Traços imitativos - os interesses principais ainda musculares, mas o movimento dos braços é substituído por movimento do pulso, e este por movimento dos dedos, usualmente num esforço para imitar um desenhista adulto

d) Garatuja objetiva - a criança procura reproduzir partes específicas de um objeto transição para a

2- Linha (4 anos) - o controle visual é progressivo. A figura humana torna-se o assunto favorito, com um círculo para a cabeça, pontos para os olhos, um par de linhas para as pernas. Raramente um segundo círculo para o

245
corpo e + raram. ainda, um par de linhas para os braços. É comum os pés aparecerem antes dos braços. e do corpo. Uma síntese completa não se consegue obter, nem se deve esperar. *que*

3- Simbolismo descritivo- (5 a 6 anos)

A fig. humana é concebida então c. + precisão. AS características são procuradas pelos + ásperos caminhos e apresentam formas convencionais. O esquema geral assume um tipo pessoal para cada criança, mas a mesma criança repete durante muito tempo e para muitos fins o mesmo tipo favorito.

4- Realismo descritivo- (7 a 8 anos)

Os desenhos são + lógicos q. visuais.

A criança anota o q. sabe não o q. vê; esta ainda pensando, não no individuo isolado, mas na espécie generica. Experimenta comunicar, exprimir ou aumentar tudo q. a interessa no assunto. O esquema torna-se + verdadeiro no detalhe; igualm. é sugestionada + pela associação de idéias de q. pela análise dos sentidos. Perspectivas, opacidd., volume e todas as consequências do ponto de vista único são ainda desconhecidas. O interesse concentra-se no detalhe decorativo.

5- Realismo visual- (9 a 10 anos)

Passa do desenho de memória ou imaginação ao desenho do natural. Existem duas fases:

a)- Bi-dimencional- em q. sómente é usado o contorno.

b)-Tri-dimencional- visando a solidês. Observa-se perspectiva, o relêvo, o conjunto.

6- Regressão- (11 a 14 anos)

Aparece geralm. aos 13 anos. Burt (e seu ponto de vista era o geralm. adotado no tempo em q. escreveu) vê este estagio como natural e desenvolvim. da criança. O progresso na tentativa de reproduzir o objeto, é agora lento e trabalhoso e a criança costuma desludir-se e desanimar. O interesse é desviado para a expressão por meio da linguagem, e se continua a desenhar é de modo convencional, aparecendo a fig. humana raras vezes.

7- Renascim. artisticos (adolescencia)

Por volta dos 15 anos o desenho desabrocha como verdadeira atividd. artistica. Agora, contém historias Clara distincão entre os sexos: as meninas preferem a riqueza da côr, a graça das formas, a beleza das linhas. Os meninos encaram o desenho do ponto de vista + técnico. Para alguns, talvez para muitos, o estágio ee final jamais é alcançado. A regressão, no estagio anterior foi total.

Assim é geralm., descrito o desenvolvim. do desenho infantil. Tem sido muito criticado, especialm. por Wulff. Nossa propria critica será particurarm. dirigida

4
a três pontos fundamentais:

- a) - O conceito do esquema.
- b) - A teoria da origem em geral - o esquecimento da relação entre temperamento e expressão.
- c) - A suposta inevitabilidade do chamado estágio de regressão.

O conceito de esquema - palavra esquema usada primeiramente por Sully, referindo-se à representação dos dedos. Explorada depois pelos psicólogos alemães (Kersghens-teiner, H Heng, etc.) De modo geral, quando a criança começa a desenhar intencionalm. aparentemente não pensa em transportar suas imagens visuais a equivalentes plásticos (representação imitativa ou naturalística) mas fica satisfeita quando encontra em seus sinais gráficos alguma semelhança com as imagens visuais. Estes sinais gráficos podem variar de um traço ou garatuja q. não apresenta relação reconhecível com o objeto a ela associado até a um contorno linear em q. todos os caracteres do objeto são economicam. representados. Em sua ânsia por um modelo genérico único, todos os autores cujo objetivo é traçar a evolução do esquema atentos para reconhecê-lo assim q. se manifesta, qualquer traço involuntário da criança, procuram dar as semelhanças casuais, alg. interpretação, e logo classificar "esquema uni-dimensional" ou esquema de "contorno ou bi-dimensional. As variações q. se encontram fora desta classificação são mais "bem dotadas q. outras. Minhas próprias observações não apoiam tão teoria de evolução. Em primeiro lugar, não me parece que o primeiro desenho dado como representativo saia casualmente da garatuja.

Os desenhos de um menino de três anos e um mês que vemos na figura 1 são contemporâneos das primeiras garatujas do menino e constituiram atividades à parte, claramente indicado como realização diversa. Foram traçados e com deliberação, e houve cuidado especial em colocar os membros "de modo seguro". Mas a mesma criança quiz dar um nome a uma garatuja inteiramente não representativa.

No começo, a criança julga possível juntar a um símbolo abstrato (um sinal ou objeto inexistente) um "esquema" sumário, com toda a vitalidade ou realidade de uma imagem, e nisto, sem dúvida recorda o animismo do homem primitivo. Sob a influência do meio, (o "naturalismo" sugerido pelos pais e professores) a criança moderna cedo ou tarde abandona o símbolo abstrato, mas parece-me que algumas persistem ainda com êle mais tempo que outras e conjuntamente com os demais esquemas representativos. O que Luquet, por um tardio estágio de desenvolvimento explica, falando em duplicidade de tipos a meu ver existe desde o começo, o que encontra base

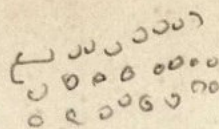
Automatismo Grafico.

1. No estado preliminar

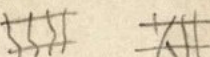
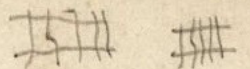
Amão se adapta ao movimento



3 1/2 à Normal



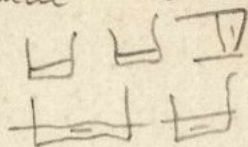
3 1/2 Normal



3 1/2 Normal

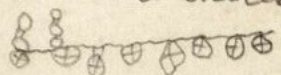


3 1/2 à Normal



5a. ligeiro atraso

2. Cr. anormal (8a) Repetitivos. x o corpo do cavalo e a bicicleta.



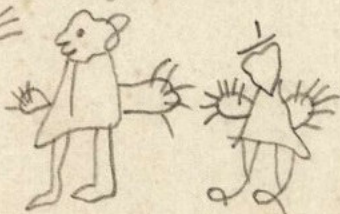
3. Superposiç de formas novas.



4a 1/2 normal
(acrescenta uma saia sobre as pernas)

5a. Intel. mediana
(acrescenta saia sobre as pernas p. automatismo desenha nova. pernas.)

Degeneraç das formas musculares adaptadas.



Índex traçados cuidadosamente a 19, 12.05, desocupadany, depois degeneraç da fig

8 anos e meio (meio normal)



(4a. normal)

5
fundamental numa análise psicológica da atividade infantil.

Luquet ("Les desins enfantins") discutindo os desenhos de uma criança de cerca de 8 anos refere-se a "um fato quasi incrível", - capaz de abalar todas as idéias firmadas numa concepção demasiadamente simples da mentalidade infantil, - mas verdade indiscutível: não somente a criança reconhece que outros desenhem em estilo diferente do seu; não somente espera que cada um observe ao seu estilo a mesma fidelidade que ela observa ao dela; mas certamente, quando desenha para alguém, adota nesta ocasião o estilo da pessoa a que se dirige,..."

A universalidade deste curioso fato, a que se pode chamar "duplicidade de estilos" é fora de dúvida depois do estudo dos desenhos encontrados em paredes e chão do mundo inteiro. Este "gráfico" emana de criança de todas as idades, às vezes até de adolescentes e adultos; muitos deles têm estado nas escolas e geralmente são feitos no intervalo entre duas lições. Vejamos: entre eles encontramos muitas figuras sem corpo, inaceitáveis pelo professor, e temos que reconhecer que a criança artista utiliza, simultaneamente, para o mesmo fim dois tipos de representação: um para sua satisfação própria, outro para agradar a outras pessoas. Esta duplicidade, - que pode ser observada desde muito cedo na atividade gráfica ou plástica da criança pode ser explicada como uma diversidade entre o que a criança executa para satisfação de suas necessidades naturais (ou inerentes) e o que oferece como um gesto social, como um sinal de simpatia ou de estímulo à pessoa ou pessoas externas.

A segunda atividade é imitativa, e todas as autoridades concordam que desde a primeira garatuja entra em jogo uma forte porção de imitação do adulto. Aí a criança imita, não somente o que o adulto desenha, mas a ação muscular da mão e dos dedos do adulto. Não há dúvida de que esta imitação participa em grande escala do desenvolvimento do desenho infantil em direção ao realismo. Isto se evidencia se lembrarmos que a criança acostuma-se a formas ou pinturas abstratas, ou se os pais são pintores abstratos a criança desenvolverá um estilo abstrato, que não leva a crer que uma criança normal tenha irresistível desejo de representar naturalisticamente os objetos.

Existem períodos históricos em que predominou o não figurativismo (idade neolítica, civilização céltica e arábicas) tais períodos evidenciam uma tradição não representativa pode ser "natural" ou "normal" em qualquer estágio do desenvolvimento individual. Não há razão para supor que um menino da idade neolítica desenhou "esquemas" que o pequeno mussulmano arriscou a bemaventurança

por traçar esquemas naturalistas.

Até onde posso saber, ninguém experimentou acompanhar a evolução de uma criança inteiramente imunizada de toda a espécie de arte representativa que não seja a sua própria, e de todos os exemplos de atividades gráficas dos adultos. Tal experiência, se possível, proporcionaria observações de valor. O que mais se aproxima de tal estudo é a colaboração de Munos e Lowenfeld sobre a arte das crianças cegas e quasi cegas.

Podemos concluir que certamente a atividade gráfica da criança pode ser devida não apenas a representação intencional mas também a um instinto imitativo. Por mais que a criança deva desenhar seguindo influências ou instruções desenha também obedecendo a seus próprios e obscuros propósitos e é a natureza desta atividade independente que deve ser primariamente analisada.

\$

1. - Por que a criança desenha?

C. BULHER

A criança desenha a princípio por imitar os movimentos dos velhos, sem relacionar os traços produzidos por estes movimentos. Mais tarde, relacionando-os, diverte-se a produzir riscos. Dá nome atado o que faz, ao acaso, e, observando os rabiscos, como conta.

LASCARIS

A criança encontra semelhança entre estes rabiscos e objetos conhecidos. Percebe então que pode exprimir-se por meio de traços (desenho). Os fatores que conduzem ao desenho, segundo Lascaris: destresa de execução, visão de uma imagem, visão de um companheiro que desenha, associação de idéias, automatismo gráfico.

EDWIN KIRKPATRIK

O desenho é arte baseada no instinto construtivo e estético, mas em seu primeiro estágio, no instinto expressivo. Nega o período instintivo de movimentos

7
Musculares (lúdico). No período seguinte, aceita a teoria ~~de mesmo~~, digo, do desenho como meios de expressão. Segue-se, para ele, a representação.

Faria de Vasconcelos

... no começo jogo motor, tornando-se, com o exercício uma tentativa para fazer como os outros fazem, não o q. os outros fazem. Depois, vai-se precisando a função do desenho como meio de expressão e representação " Uma premente tendência construtiva, uma curiosidade transbordante, uma intensa atividade imaginativa e uma preferência marcada entram em coalescência com a atividade motriz e a atividade perspectiva, no desenho, vem a preencher, a partir da segunda infância, com detrimento da exatidão objetiva, a função de meio de expressão ou de interpretação."

E. Sussekind Mendonça.

... Por volta dos trez ano, dá apenas expansão às necessidades motoras. Segue-se as garatujas, acompanhadas de explicação verbal. Início da fase a q. os psicólogos chamam "autística" (auto-Satisfação dos impulsos) prenuncio da atividade lúdica (ludus=jogo brinquedo)

G. Rauma

... " Pode-se considerar, de modo geral, q. as linhas postas no papel no estágio indicativo não são + q. um gesto q. sublima mu pensamento expressado, e se associa a ele. Parecem facilitar a exteriorização deste pensamento, da forma q. a mimica. O número de traços corresponde ao nº de elem. q. tem, no momento, a noção q. possui a criança do objeto de sua representação Seu croquiz fixa os termos de uma definição.

(Ver página 11)

Herbert Read.

...as primeiras atividades gráficas são uma forma de brinquedo, sendo o brinquedo uma forma de arte. (arte-esforço da humanidade para integrar-se às formas básicas do universo físico, aos ritmos orgânicos da vida)
Simultaneamente com a garatuja, (forma de expressão própria) inicia-se o desenho representativo (meio de comunicação, aprendido de outros)
A princípio a criança tenta junta-los num único desenho, lembrando nisto o homem primitivo. Em defesa desta teoria, cita Luquet: " Não somente a criança reconhece q. outros desenham em estilo diferente do seu; não somente espera q. cada um observe seu estilo a fidelidade q. ela observa ao dela; mas, certamente, quando se dirige a alguém, adota o estilo da pessoa a quem se dirige."

Betty Lark-Horowitz.

8 Betty Lark-Horowitz.

Compara o desenvolvimento do desenho infantil ao da linguagem. Atribui-lhe origem emocional e estética. Empréstas as linhas, as cores e proporções significativas simbólicas.

... o ato de desenhar ou de pintar, é paralelo de um modo de reviver, reorganizar ou simplesmente completar experiências de fatos e coisas que as crianças não podem obter ou a elas voltar facilmente. Assim a criança, que ordinariamente quer estar sentada por algum tempo, só encontra satisfação em brinquedos e exercícios movimentados, substitui tais atividades puramente físicas pelo prazer de representá-las em pinturas. Conseguem assim viver, inteiramente, o que vão representando o que em muitos casos lhes dá real satisfação, pois podem representar êxitos tão maravilhosos como os que gostariam de alcançar em realidade, e decidir quais os elementos cuja participação no drama desejam, e qual o papel de cada um.

Observações de ordem geral

B. L. Horowitz

Característico do desenho infantil é que o diferencial da pintura dita popular ou ignota e a proporção dos objetos entre si, ou das partes de um mesmo objeto. No desenho das crianças a cabeça da figura é muito grande, comparando com as outras partes do corpo, flores e frutos são gigantescos para as árvores, as flores têm o tamanho das casas em torno das quais crescem e as pessoas que vão para a igreja podem ser maiores do que a igreja. Foi demonstrado experimentalmente que o senso da proporção das crianças é tão correto como o dos adultos, mas desde que o desenho vise exprimir um pensamento ou descrever uma experiência, a importância de certos aspectos é acentuada pelo exagero do tamanho. Também, se um objeto apresenta um certo número de detalhes, ^{tais detalhes} devem ser evidenciados o que ocasiona a desproporção entre as partes. Igualmente o exagero de tamanho simboliza uma ação, ou um desejo de conseguir um fim que está fora de seu alcance. Pode, assim, um braço estar duas vezes maior do que outro, para indicar a vontade de alcançar um objeto. Inversamente, fica esquecido o que não interessa.

Característico importante também do desenho infantil é representar tudo o que conhecem o objeto, visível ou não. (transparência). Aparecem móveis dentro de casa, braços dentro de mangas,

9
Desenhos e modelagens esquemáticos são executados de memória. Mesmo quando a criança supõe copiar um modelo vivo olha para êle procurando ver o que está desenhado; observa detalhes e passa a reproduzi-los de memória, desenhando o que imagina e encontra representado pelo modelo.

Sussekind Mendonça.

... Os desenhos espontaneos da criança " devem se preliminar indispensavel no processo de evoluçãõ desta atividade... Referindo-se a eles, mais adiante, como um corretivo q. a escola primária, progressiva, aplica à secundaria reacionaria."

... A criança como q. copia um "modelo interno" em q. os detalhes não se subordinam ao seu aspecto do mundo exterior, o q. tambem acontece à representação do conjunto chamame os entendidos- Justaposição e- sincretismo- à visão do conjunto de modo independente dos detalhes. Constituem característicos da mentalidade infantil. É a chamada fase do " egocentrismo", q., com o desenvolvimento do individuo evoluirá para o chamado " pensamento sintético", q. vem conciliar a justaposição do sincretismo.

Desta compreensão do desenho infantil resultam as suas características.

....Os detalhes são mencionados segundo sua importancia no modelo interno, q. a criança copia mentalm., t tanto mais valendo o q. + lhe parece exercer um papel ativo e importante,- a bandeira de um navio, as mãos com seus dedos, nos bonecos, os botões das roupas e, como consequencia natural, não ha canhaõ q. não de tiros nem vapor sem fumaça...

...As condições aceleram ou retardam a sucessão das "fases"., levando a maiores ou menores divergencias, entre a idade cronologica e a idade grafica. Quando a consciencia desta idade mental é assunto ainda muito debatido

...O meio influe sobre os assuntos preferidos pelas crianças em seus desenhos. Nota-se um marcado "zoomorfismo" (representações de animais) a traduzir a inclinação infantil para o movimento, identica a do primitivo O "fitomorfismo" (representação de plantas) cresce entre os populares rurais, e nas cidades predomina a representações de trens, automoveis, aviões, etc...

G. Rauma

Em diversas circunstancias pude verificar q. as crianças não exercitadas em desenho fazem esquemas mas muito inferiores, porem q. evoluem muito rapidam.,

a esta disposição

10
alcançando em rápido tempo os tipos de sua idade."

... As variações do valor do desenho livre da criança estão em relação com as variações da sua atividade e desenvolvim. intelectual.

... Tenho observado em alguns casos verdadeiras detenções: a evolução da representação de animais, e até retrocessos a etapa antigas, com aumento do nº de patas e desorientação das partes da cara.

... Quando a criança desenha, o esforço necessário para dirigir os músculos q. guiam o lapis afastam a criança do q. seria necessário para seguir a direção de sua passadeira fantasia. Um desenho de criança é sempre decorativo, nunca fantazístico.

Maneira de conduzir-se ante a

Dificuldade:

- 1- Evita-a
- 2- Diverte-se com os defeitos e erros
- 3- Lamenta os erros e pede ajuda.
- 4- Procura observar e corrigir

Para E. Brown (Notes on children drawings): mostram-se geralmente satisfeitos com sua obra.

Ante a observação de um absurdo:

- 1- Corrigem sem comentários.
- 2- Justificam como podem.

Ricci

" L' arte dei Bambini- 1887".

... " Verifiquei em muitos estudantes q. os melhores desenhistas são, com algumas exceções os melhores alunos; são os q. melhor recordam os objetos, como retêm + facilmente os textos, com uma observação exata. Mas logo os talentos realm. originais brilham, e se comprova q. se manifestam entre as crianças q. estavam mal conceituadas na escola.

- A atenção através do desenho-

O desenvolvimento da atenção voluntária aparece na sua admiravelmente na sucessão dos desenhos de uma criança

1- Durante as garatujas a mão atua, porém a vontade é incapaz de guiá-la em determinado movimento, a atenção é escassa, os movimentos tendem a tornar-se automáticos, a padronizar-se.

2- Quando a criança passa a identificar seus traços com objetos, age também a atenção, através de associação de ideias e da imaginação visual.

3- Passa depois a criança a traçar temas anunciados. Sua vontade não se mantém até o fim. A mão obedece mal aos impulsos motores, a atenção pouco forte deixa-se captivar por outros traçados, abandona o primeiro tema por novas associações de ideias.

4- Consegue enfim a criança possuir atenção suficiente para se fixar em um tema. chega a completar uma representação, mas não alcança ainda uma composição.

5- Aparecem os relatos, descrições, etc....

12
O desenho espontâneo e livre como campo de estudo da atividade psíquica da criança.

Começa citando Earl Bernes (Studies on Education) q. apresentou uma serie de des. analisados e comentados, evidenciando o q. estes des. expressa da vida e da natureza da criança. Cita Luquens q. fez contar de 250 crianças de 5 a 6 anos o incendio de uma casa e fez outros 250 da mesma idade, desenhar o mesmo tem: os des. eram muito + ordenados, e, as vezes, continham dados e por menores q. não haviam sido dados oralmente. Luquens referece tamb., á frequencia com q. os des. revelam compreensões defeituosas das çs.

a) ... No principio o desenho é para a ç. uam forma de linguagem... desenham sem refrear as manifestações de vida com q. gela. fazem - exclamações, necessidade de assistentes, desejo de exteriorizar ao mesmo tempo por intermedio da palavra, do gesto, etc.- dando indicações preciosas sobre as ideias q. as dominam, os por menores q. as interessam e das quais se valem para caracterizar seus personagens, Os croquizes das ç. nos dizem si é capaz de interessar-se por alguma coisa, se seu espirito é essencialm. variável e superficial, se tem imaginação em certa medida, se sua natureza são suas associações de ideias.

b) A análise dos des. infantís demonstra q. sua evolução é sujeita a quedas e retrocessos... A comparação dos desenhos infantís... A comparação ~~comparação~~ com des. anteriores pode fornecer observações valiosas sobre a ç. constitui algo assim como um barometro das disposições intelectuais do individuo q. se observa. A coleção dos des. espontaneos de uma ç. durante um ano, permitirá organizar um gráfico da oscilação de sua atividade intelectual. O professor q. observa assim um retrocesso em algum de seus alunos pode fazer intervir um medico, porq. na criança ocorre algo anormal q. o medico deverá esclarecer.

c) Não possuímos nenhum critério para julgar a evolução da ç. O ditado, o cálculo, a leitura põem em jogo mecanismos creados pelo ensino, e todos estes mecanismos podem continuar funcionando enquanto as atividades mentais superiores sofrem sérias modificações.

As indicações proporcionadas pelo des. espontaneo, principalm. de çs. pequenas e de anormais, ali onde o desenho é antes de tudo uma linguagem, uma representação de ideias, são valiosas.

d) Deve-se entretanto, tomar precauções ao utilizar des. espontaneos na elaboração de um juizo a ñ. ser sobre um estado psicológico de uma ç. normal ou anormal. Parece-me q. ñ. se deve emitir um juizo a ñ. ser sobre uma coleção de, no mínimo, de 20 desenhos. Deve o obser

13
vador assistir a confecção do des. e anotar as manifestações de linguagem falada q. acompanha o desenho. É preciso tamb. considerar duas eventualidades: usa a ç. o desenho frequentemente. para exteriorizar ou nunca ou quase nunca des.? Além disto é util considerar o modo pelo qual. a ç. trabalha, o tempo empregado, e é absolutamente necessário, para estabelecer um juízo, comparar as diversas produções de uma ç. cronologicam. Além disso, tais investigações m. podem reduzir-se a numeros fixos, o q. sera de grande importancia do ponto de vista da psicologia comparada. Todos os q. VIVERAM com çs. e praticaram os testes redutíveis a dados numéricos e a outras medidas exatas sabem q. brutais são estes dados. Não crio q. a psicologia infantil se possa reduzir a formulas. Reconheço as investigações q. se denominaram de de psicologia experimental uma importancia muito grande porem tenhos a convicção de q. os trabalhos de psicologia descritiva são tambem inteiramente necessários e q. as investigações em ambos os terrenos estão chamados a completar-se

(Ler caso analizado, Francico M. , pg. 267)

... O desenho espontaneo sendo manifestação de linguagem, leva a ç. a exteriorizar-se, mostra quais as ideias q. dominam e quais os elementos q. atuam em sua imaginação. ... é, por isto um reflexo + ou menos preciso das influencias morais do meio que atuam sobre a ç.
... Os acontecimentos locais, as conversações dos adultos sobre os fatos da atualidade, oferecem a imaginação da ç. elementos com os quais se excita.

... É interessante observar, e muito instrutivo do ponto de vista do conhecimento da ç.; observar seu procedimento enquanto desenha espontaneamente, mas e imprescindivel q. não sinta pezar sobre si nenhuma classe de coerção e q. seu trabalho seja realm. um desenho espontaneo
... Os visuais os q. possuem alguma habilidade técnica são silenciosos, trabalham cuidadosam., utilizam a borracha, voltam varias vezes ao mesmo tracado. A miúdo adotam atitudes extravagantes, alguns fazem cabetas tais são as manifestações as intensas concentrações da atenção.

... Porem a maioria das ÇS. usa o desenho espontaneo para exteriorizar idéias. Algumas manifestam as continuas oscilações do se pensamento numa quantidade de pequenos desenhos avulsos, q. nomeiam, com prazer e agrem, as vezes, um conceito qualquer, ou q. tomam como assunto para uma pequena historia.

... Existem alguns q. contam com muitos detalhes tudo q. fazem seus personagens, e, principalmente, o q. dizem enquanto outros, -motores- executam todas as ações de seus personagens, os quais aparecem no papel com forma rigida e neutra das primeiras etapas do desenvolvimento do des.

14
Observação sobre o des. de ÇS.

-----sub-normais-----

F. GOODENOUGH

Relacionou a inteligência ao des., organizando uma escala para ÇS. de 4 a 10 anos.

- 1)- O des. das ÇS. sub-normais assemelha-se aos das de menos idade quanto a ausência de pormenores e deficiência de proporções, além de diferença quantitativas, especialmente no q. respeita as partes entre si.
- 2)- As ÇS. de capacidade mental inferior algumas vezes copiam bem, mas raramente fazem trabalho original em des.

C. BURT/

Tamb. organizou uma escala interessante. Para ele a inteligência e a capacidade gráfica não são paralelas. Boa inteligência - gelalm. bom des. Bom desenho - nem sempre boa inteligência

H. L. HOLLIGWORTH

Distingue em 2º lugar varias especies de desenho: copia, representação, análise ou diagrama, impressão ou simbolo, caricatura.

- 1) O des. representativo ñ. aparece relacionado c. a inteligência.
- 2) Diagrama e simbolos relacionan-se muito mais estreitamente c. a inteligência.

J. PIAGET

Observou-se ÇS. de 3 a 7 anos. Des. somente o q. as rodeia: casas, homens, etc...; tais como os conhecem, ñ. como os veem, referindo-se a um tipo unico (realismo intelectual) e pensam como des.

J. GRAUP

A Ç/ ocupa-se do q. ferve na sua fantasia. Experimentas solicitando o q. lhe ocorre depois de ouvir um conto, uma poesia, etc. Ela des. o q. particularm. lhe interessa: a figura humana de preferencia a qualquer outro des. ou assunto.

Dra. S. MORGENSTERN/

(Psicologia da Ç. anormal)

Procurando evidenciar as diversas significações do des. infantil, seus simbolos, e as possibilidades q. oferece este assunto ñ. so para a explicação dos sintomas nevroticos da Ç., mas para obter tambem uma cura pela libertação dos o mplexos (efetivos, o q. se consegue ñ. so pelo desenho, como pela observação psicanalística. Introduziu o des. no diagnostico das pertur-

15
bacões psicopáticas da Ç. e no seu tratamento psicana-
listico. Como diz F. Fels, o q. a Ç. ñ. se atreveria a
dizer nem escrever, revela nos seus des., porque ñ.
imagina q. por eles se possa decifrar o seu caracter,
como por um escrito ou por uma conversa. Ousa no des.
, ser ela propria, exprime-se

FRANCKE

(etimologia- desenvolvimento mental das Çs. negras)

1) Maturidade prematura até fins da 1ª infancia
dos 4 aos 8 anos, expontanidade superior a da Ç. bran-
ca

2) Posteriorm., desenvolvim. cada vez + lento,
até cessar na puberdade.

3) Características do negro: receptividade de
espírito, memoria, imaginação boa, carencia de elabo-
ração independente, de aperfeicoamento progressivo,
pouca imaginação, escassa sede de saber.

RAUMA

/// Os estagios de evolução por q. passam os meni-
nos ditos anormais, são os mesmos q. ^{passam} as outras
ÇS., porem se fixam por + tempo e tracam c. + firmeza.
ooo O traçado de certas formas se automatiza e tende
a degenerar rapidam.

..... Os primeiros tracos, perçistem bastante tempo nas
ÇS. timidas. As ÇS. normais logo os substituem por ou-
trosestagios de evolução, mas ñ. são abandonados defi-
nitivamente, voltando a Ç. a eles com frequencia. A Ç/
anormal ou retardada prolonga o estagio preliminar por
várias vezes, custando-lhe alcançar a etapa Δ (Rauma)
do desenvolvim.. (cita casos de meninos de 6 a 7 anos
q. ñ. o alcançaram ainda.)

Deu a copiar, a meninos anormais de 7 a 12 anos
cenas com figuras simples: copiam bem a ideia, mas con-
servam os bonecos no estagio celular. Copiando bonecos
com corpo, chegaram alcançar sucesso, mas, abandonando
o modelo, voltam ao boneco celular.

.... Nas ÇS. anormais, encontram-se as vezes um hiper-
trofismo de imaginação a q. o dr. Dupré chama " mitoma-
nia". O des. expontaneo pode se usado no exame destas
ÇS. e da origem de suas fantazias, como demostrei na
observação q. publiquei no "Archives de Psychologie"

... Estudando casos em q. as ÇS/ des. figuras de cabe-
ça para baixo e letras e numeros invertidos assiná-la:
1- O dr. Demoor assinalou nas ÇS. anormais uma certa
tendencia para inventar os des.

2- A escrita invertida tambem é frequente nas ÇS. anor-
mais.

3- Areprodução invertida de numeros tambem é frequente
nas ÇS. inteligentes, ensinadas prematuramente no en-
cino dos numeros.

16 Obseva-se com mais ou menos força em todas as CS/
A tendência descritiva

Aparece espontaneamente com intermitências, ou é suscitada pelos temas q. lhes dão a tratar
As CS. de espírito lógico, sereno positivo, e as de inteligência pouco vivas gostam do desenho descritivo. Os primeiros modificam suas produções, buscam, aplicam uma certa lógica para resolver as dificuldades q. encontram. Os segundos tendem a adotar uma forma convencional a q. se dedicam. chegam a traçar com muita desenvoltura. A tendência descritiva aparece poucos imaginativos, nos espíritos brilhantes e abertos, preferem a tendência narrativa.

A tendência narrativa

Os traços a lápis aparecem favorecendo exteriorização das ideias. A C. diz q. traçou e comenta. Quando aparece a compreensão da representação da forma, esta, pela imprecisão dos traços e aspecto incompleto da representação, necessita a princípio, comentários q. a C. ã. deixa de fazer. Uma forma obtida ao acaso lhe fornece uma ideia, expressa imediatamente, e segundo a extração de sua imaginação, faz desta ideia o eixo de uma história, c. outros traços geralm. de caráter indicativo. Da-se o mesmo durante os primeiros estádios de representação visual. Os croquis deste período mostram também o grau de instabilidade do espírito da C. de 3, 4, 5 aos. Os croquis costumam ser numerosos e referem-se a várias ideias. Os comentários são curtos. A palavra é ainda o elemento + importante, sendo os traçados, indicação das principais ideias

Resumo das observações de Rauma sobre o des. das CS. anormais

- 1)- Tendências muito acentuadas para o automatismo
- 2)- Manifestações frequentes de evasão das ideias- Os desenhos que cobrem uma folha de papel não estão terminados; são muitos e se referem a muitos temas diferentes.
- 3)- Retorno frequente a estágios inferiores.
- 4)- Grande lentidão na evolução dos estágios.
- 5)- Desenhos isolados muito evoluídos, porque a criança repete muitas vezes o mesmo assunto, que se vai aperfeiçoando. Alguns apresentam grandes memórias visuais, que os ajuda.
- 6)- Em muitos há a preocupação de expôr integralmente a ideia que representa, dando todos os pormenores dos tipos adquiridos.
- 7)- Gostam dos desenhos em que o mesmo movimento se repete muitas vezes.
- 8)- Fazem trabalhos esmerados.

(Ler o caso Francisco M. analisado pagina 267)

A atenção através do desenho- O desenvolvimento da atenção voluntária aparece admiravelmente na sucessão dos desenhos de uma criança.

- 1)- Durante as garatujas, a mão atua, porém a vontade é incapaz de guiar-a e indeterminado movimento, a atenção é escassa, os movimentos tendem a tornar-se automáticos e padronizam-se.
- 2)- Quando a criança passa a identificar seus traços com objetos, age também a atenção, através da associação de idéias e da imaginação visual.
- 3)- Passa depois a criança a traçar temas anunciados. Sua vontade não se mantém até o fim a mão obedece mal aos impulsos motores, a atenção pouco firme deixa-se cativar por outros traçados, abandona o primeiro tema, por novas associações de idéias.
- 4)- Consegue enfim a criança possuir a atenção suficiente para se fixarem em um tema. Chega a completar uma representação, mas não alcança ainda uma composição.
- 5)- Aparecem os relatos, descrições, etc.

O automatismo gráfico

- 1)- No estágio preliminar, é normal a repetição automática de linhas, por jogo muscular.
- 2)- A mão se adapta a determinado movimento, reproduzindo-o muitas vezes (normais, três a quatro anos) esse automatismo às vezes pode durar alguns dias.
- 3)- A forma antiga conserva-se apesar da aparição de uma forma nova. As duas se superpõem. Lutam as duas tendências, a da evolução e a da conservação. A mudança de um estágio para outro, ocasiona muitas superposições.

(Observe esse divórcio entre as idéias em representação, seguida de rápida degeneração do movimento muscular, em algumas crianças a quem se quis muito cedo fazer desenhar bonecos de perfil. Os primeiros desenhos, ainda sobre a orientação recebida, apresentam-se corretos. Assim que desaparece a ajuda, a criança, que na verdade não podia compreender, desenha a forma de perfil sem distinguir suas particularidades; seu desenho degenera rapidamente.)

- 5)- Movimentos musculares executados em determinada ordem põe exigência de um tema em que um exercício quando reproduzidos com frequência formam uma associação estreita e durável.

O hábito de um movimento determinado pode impedir novas soluções. Em certos casos, uma associação muscular nova, que se inicia da mesma forma que uma antiga se desvia de seu propósito do movimento muscular já adquirido. Encontram-se muitos exemplos nos desenhos de crianças anormais - em realidade, para que tal fenômeno possa reproduzir-se é necessário que o pensamento seja naturalmente pouco vivo, ou débil, ou distraído. (Ver exemplo ROUMA página 343.)

Prof. Stratton (da Califórnia)

1. Existem dois tipos de emoções - as q. aumentam a nossa força, como a alegria, a confiança e a boa vontade - e a necessidade pa controlar e dirigir as emoções mais fracas, mantendo-as no rumo certo, como o medo, a vergonha e a tristeza.

As emoções do 2º grupo, embora momentaneamente nos acalmen e diminuam a nossa energia, são valiosas quanto rápidas e pa equilibrar as outras. Dão harmonia à nossa personalidade.

As emoções q. dão a força se destinam a ser longas e firmemente utilizadas. As cr deverão cultivá-las e elas são naturalmente poderosas na infância.

2. As boas emoções acompanham as boas condições de saúde, a alimentação conveniente, o exercício vigoroso, algum trabalho real, muita recreação, legítima e longas horas de sono. A alegria espontânea das cr floresce quando lhe damos ênfase tendo pa nelas desenvolver-se.

3. Um professor alegre torna os alunos alegres; o prof. irritável faz os alunos inquietos e perturbados. As cr tomam as emoções dos q. as cercam. Sentem a boa vontade, e o interesse do prof. ou a sua má vontade e desinteresse.

4. Além do exemplo os cr correspondem à admiração à confiança e ao afeto. Elaboremos sempre q. pudermos. O orgulho q.

a e o ter do seu prof. e' util p^a ambos. Confirmando na e o + q. for possível e façamos sentir q. isto acontece.

5. O ambiente favorecer a evocação - p. ex.: as paredes brilhantes e alegres, os quadros, as flores e o aspecto agradável. Façamos com q. os e^r sintam q. o seu meio de ser cuidado.

6. Muitas coisas devem ser feitas pelo simples prazer de realizá-las, cuidando-se pouco da vantagem q. possam trazer, como contar, ouvir histórias, dramatizar. Os prazeres corretos e a apreciação digna e legítima são tão valiosos como os conhecimentos certos.

7. Conserve-se a encenação viva. Os contos de fadas q. contam como o Corcunda e o mendigo se transformam em príncipes e q. a verdadeiras qualidades valem mais do q. as aparências, valem + do q. o enredo central q. passam ter. São lições sobre os valores humanos. As boas maneiras e a cortesia possuem um sentido oculto nos seus fatos aparentes; eis outra lição dos valores humanos.

8. Dêmos q. os e^r façam alguma coisa no terreno artístico; contem, dansem, desenhem, construam, representem, embora mal a fim de sentirem esta maneira de expressão. No teatro devemos dar o papel alegre à e^r tímida e o sério à e^r expansiva, p. q. adquiram experiências novas no mundo das emoções. Tudo isto permite melhor apreciar as coisas.

Seu Código mental para Toda a Cr.
Éis aqui um corpo de princípios para
a vida diária, estabelecidos por
um homem crítico q. empolgou toda
a existência a estudar a natureza infan-
til, e destuidos a orientar a educa-
ção da criança.

PRIMEIRO- A criança deve agir segundo
os seus impulsos, da maneira + simples
possível, ser ativa nos brinquedos
& trabalhos, dar expressão aos próprios
sentimentos, afirmar-se, explorar, escri-
tor, investigar e satisfazer a suas
aspirações e necessidades, q. incluem
o repouso abundante e o sono pro-
fundo.

SEGUNDO- A cr. deve também aprender
a controlar os impulsos, cooperar com
outros cr., amá-las e ser por elas
servida. O controle será exercido ata-
vez da orientação e jamais com a
repressão, não com o bloqueio das
energias, mas promovendo-se a sua
organização.

TERCEIRO- A cr. deve concentrar-se naquilo
q. estiver fazendo. As aulas devem ser
curtas, havendo muita atenção e
nada de preguiça. É necessário vi-
ver plenamente a vida diária, e não
conservar um aborrecim. pela noite
dentro. Cada dia deve ser come-
çado como uma "louza bem limpa"
onde não haja nada escrito. As
preocupações não devem ser antecipadas.

QUARTO. A CR. deve executar tarefas simples e precisas; as decisões serão claras e prontas, executadas com todo entusiasmo, não haverá preocupação ou conflitos. Cumpre organizar um programa diário bem ordenado.

QUINTO. A CR. deve estar preparada para atender pequenas emergências. Surgirão acidentes, dificuldades e desafortunamentos. A natureza nos deu recursos para enfrentá-los, e a CR deve saber dispor desses "primários socorros". A dor, o medo, a tristeza e a culpa tudo surge quando o indivíduo cai e necessita da mão de um amigo e quando precisa sair de algum emborcação. É indispensável educar para as emergências.

SEXTO. A CR. deve viver em companhia de outros CRs. Todas as atividades se beneficiam no convívio social; o trabalho, os divertimentos, a alimentação, as próprias brigas, assim como a associação nos grupos e equipes junto aos amigos, nas lutas contra os inimigos, a troca de ideias e desenvolvimento da sociabilidade, no lar, na Escola e nos parques de recreio.

SETIMO. A CR. deve reconhecer sua independência para com os outros, porém cooperar e reagir de acordo com

9. Tornemos um hábito de libertação da
emoção, a fim de q. ela se desenvol-
va forte e pronta a reagir. As
restrições e a introversão e torção
certam. hábitos e muito depressa a
menos q. as emoções infantis sejam educa-
das no sentido. É necessário haver
frequente oportunidades pa a ex. entrega
de as alegrias da vida escolar.

(10. Tornemos um hábito a libertação
da emoção, a fim de q. ela se desen-
volva forte e pronta a reagir. As
restrições, a timidez)

10. Quando tratamos com ex. devemos
considerar o temperam. de cada uma.
Em matéria de amizades deixemos q.
cada ex. ligo. e ao companheiro q.
possuir as qualidades q. lhe faltarem.
Suplementemos a camaradagem q. existe
nos brinquedos com a q. deve reman-
na escola. Tais sugestões tornam claro
q. a escola significa + do q. as simples
lições e o professor encina ante fca
sua personalidade do q. pela instruc-
ção ministrada. A vida no lar ofe-
rece, muito frequentemente, e. coisas opor-
tunidades para o desenvolvimento das emo-
ções sociais. A escola e o lar devem
traballar juntos pa serem obtidos os
melhores resultados. Quai q. q. sejam
o fim da educação, a felicidade te-
rá um delis.

Nada ajuda tanto qualquer coisa um
estado de espirito feliz. As emoções q.
nos dão energia não foram registri-
das nos programas e soltius escola-
res; a sua presença marca os "re-
gistros" silenciosos do desenvolvimento
infantil. As ex. felizes na escola são os homens
dignos e realizadores

Este fato; deve amar e ser ama-
da, ter alguém de quem procure
obter proteção, possuir fe no
mundo q. a cerca e reveren-
cia por toda a força q. go-
vernem a coisa, não só
aos domingos mas durante a
semana inteira.

Pensamos educar pelo exemplo.
A cr. adquire os modos das pes-
soas q. a cercam; e calma
quando são calmas, alegre
quando são alegres e inquieto
quando se mostram inquietos.
Em segundo lugar, educo com
simpatia e não com reprová-
ção. Omito e não censuro;
elogio, sempre q. for possível
Ensuiamos "fazendo" e levamos
a criança a aprender "fazen-
do" Porq. a ação é o mundo
infantil

Extraído do livro, de Joseph A.
Sostrow, "Conservai a Saúde do
Espírito)

ESCOLINHAS DE ARTE JÁ EXTINTAS NO RIO GRANDE DO SUL

- Escolinha de Arte "Criança Arteira"
Diretora: Isaura Sanguinetti
Rua Barão do Amazonas, 56 - Fone: 230462
Porto Alegre - R.S. - 90.000
Fundada em 19/11/1969
- Escolinha de Arte "Francisco Lisboa"
Diretora: Thereza Gomes Gruber
Rua Duque de Caxias, 512 - Cruz Alta - R.S. 98.100
Fundada em 1955
- Escolinha de Arte do Instituto Municipal de Belas Artes
Diretora: Margarida Lemos Carvalho
Rua Sete de Setembro - Bagé - R.S. - 96400
- Escolinha de Arte do Instituto de Belas Artes de Novo Hamburgo
Diretora: Lígia Maria Bohn
Novo Hamburgo - R.S. - 92300
- Escolinha de Arte "Facho de Luz"
Diretora: Irmã Cenira Catharina Biscaro
Rua Domingos de Almeida, 849 - Cx Postal 671
Santa Maria - R.S. - 97.100
- Escolinha de Arte da Escola Normal "Madre Ionilda"
Responsável: Berta Sulzlach - Caxias - R.S. - 95.100
- Escolinha de Arte Independência
Diretora: Therezinha Tonetti da Fonseca
Rua Garibaldi, 880 - Independência - P. Alegre - R.S. - 90.000
Fundada em 22/3/1971
- Escolinha de Arte de Bagé
Diretora: Heloisa Beckman Severo
Rua José Otávio 127 - E
Bagé - R.S. - 96.400

--Escolinha de Arte de Santo Antônio da Patrulha
Coordenadora: Iara Mattos Rodrigues
Rua Marechal Floriano-Colégio Sta. Therezinha
Santo Antônio da Patrulha-R.S.-95,000

--Escolinha de Arte da Escola Normal Duque de Caxias
Responsável: Doris Pasternoster
Av. Júlio de Castilhos s/n-Bairro Cinquentenário
Caxias do Sul-R.S.-95.100
Fundada em 13/6/1967